



Entrevista com Tânia Ramos Fortuna

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Vitória Fagundes e arquivo do Programa “Quem Quer Brincar?”

Ex-presidente da Câmara de Extensão, Tânia Ramos Fortuna é coordenadora de um dos maiores e mais antigos programas de extensão da UFRGS, o “Quem Quer Brincar?”. Em 2019, o projeto completa 20 anos de atividades ininterruptas. Nesta entrevista, concedida na Brinquedoteca (sede física do programa) da Faculdade de Educação, a docente nos conta sobre a sua marcante e persistente trajetória profissional, que está se encerrando na Universidade no final deste ano. Um caminho marcado pela defesa da brincadeira e da extensão como duas poderosas ferramentas na formação não apenas de alunos, mas de educadores.

Revista da Extensão: Professora, a senhora tem uma trajetória muito ligada à brincadeira. Imagino que sua vocação pela Educação deva ter começado cedo...

Tão cedo que acho que remonta ao período em que eu era um bebê (risos). A minha pré-história profissional é precoce. Os meus pais eram professores e eu os acompanhava nas suas respectivas escolas. E eu me lembro de observar a minha mãe, que era uma professora muito solar, empolgada, dando aula. Pequena, ainda, ficava embaixo da mesa dela e dizia: “eu também quero ter os meus alunos”. Era uma coisa invejosa, mas também de admiração. E isso aconteceu cedo: com oito anos eu coloquei um cartaz na frente do edifício em que eu morava escrito “Escola Faz de Conta”. Ali eu tentei colocar

intuitivamente o que eu fui perseguir tanto na minha vida de professora, que era uma escola na qual os alunos gostassem de estar, e que eu, professora, pequena, de oito anos, gostasse de dar aula. Eu já tinha alguns elementos de uma prática lúdica bem infantil, despojada, que eu percebo terem participado de toda a minha trajetória nesses 37 anos de trabalho: a presença do colorido, da exuberância, da experiência sensorial na escola, da música, da brincadeira, do riso e da espontaneidade.

Revista da Extensão: E como foi com a sua primeira turma “de verdade”?

Tânia Fortuna: Comecei a trabalhar na Escola Estadual Sarmento Leite, na periferia de Porto Alegre, com uma turma que a escola me designou como a que ninguém queria. Eu era uma professora jovem, e vivi a experiência de me dar conta que aquelas crianças com tão pouca experiência escolar já tinham ideias muito claras sobre o que é o papel do professor e o que é o papel do aluno. A minha ambição de uma escola diferente, baseada em uma nova configuração da sala de aula, na questão do canto, do riso, da interação entre os alunos, eu logo tentei incutir na minha prática, mas recebi certa resistência das próprias crianças. Em pouco tempo elas ficaram impossíveis: subiam pelas paredes, mal educadas, medonhas, briguentas, respondonas. Em uma palavra: infelizes. A diretora abria a porta, dava uns gritos e fazia-as sentarem. Os pais se dividiram entre

os que fizeram um abaixo-assinado para que eu saísse, porque eu não sabia dar aula, e outros que pensavam “a gente é pobre, esse guri nem vai estudar muito mesmo, Deus quis assim, azar é o nosso”. As serventes da escola ficavam enfurecidas porque eu deixava a sala bagunçada. Mas eu não dava bola pra nada disso, porque achava que estava agradando. Até o dia em que um dos meus aluninhos foi ao meu encontro e disse: “tia Tânia, a gente não quer mais ser teu aluno. A gente não quer mais estudar aqui. A gente não estuda, a gente só brinca. A gente quer ir lá pra turma da outra ‘profê’. Ela briga, põe de castigo, enche o quadro de cópia. Aqui a gente não quer ficar mais”.

Revista da Extensão: Tantos anos depois, imagino que, se a senhora se lembra disso até hoje, esse pedido deve ter lhe causado um impacto e tanto na hora...

Tânia Fortuna: Eu voltei para casa chorando. E no meio do caminho eu disse: “quem não quer mais ser professora sou eu. Não quero mais trabalhar nessa escola. Pensando bem, não quero mais o magistério”. No meu primeiro ano de trabalho (risos)! Comuniquei aos meus pais essa decisão, entre soluços e lágrimas. Enquanto minha mãe tentava secar as lágrimas, o meu pai dizia: “aqui em casa não tem essa, não. Vai seguir pelo menos até o fim do ano e depois a gente conversa”. Os meses seguintes foram infernais, mas eu fui aprendendo a fazer coisas que eu desconhecia – por exemplo, empostar a voz. E pensava que, na ânsia de ser revolucionária e criativa, eu tinha sido autoritária e impositiva ao levar a minha proposta pedagógica sem considerar o que eles esperavam da escola.

Revista da Extensão: Sabemos hoje que, felizmente, o fim desta fase inicial não foi o fim da sua trajetória no magistério, como chegaste a pensar. O que veio na sequência?

Tânia Fortuna: Quando terminei esse período, decidi que eu seria professora de educação

infantil, pensando que seria mais fácil. Claro que qualquer pessoa que tenha experiência com crianças pequenas sabe que não é bem assim. E embora eu tenha trabalhado com bebês, crianças de jardim e maternal, a brincadeira acontecia apesar dos adultos, apesar dos planos pedagógicos, e eu pude ir provando aquilo que eu já intuía: o poder do brincar. O poder da brincadeira como constituinte da nossa identidade, do nosso desenvolvimento cognitivo, do nosso desenvolvimento motor, da nossa sociabilidade.



Revista da Extensão: Mas a senhora não trabalhou a carreira toda com crianças pequenas. Retornou ao Ensino Fundamental?

Tânia Fortuna: Concluí o curso de Pedagogia, me especializei em Psicologia e comecei a trabalhar com crianças e adolescentes com transtornos emocionais, surdas, com deficiências mentais, numa rede de serviços municipal em Canoas. Eu recebia encaminhamento de crianças com graves problemas de aproveitamento escolar. Nesta clínica eu tinha brinquedos, jogos... Tudo aquilo que eu desejava tanto ter feito em sala de aula eu realmente fazia com aqueles pacientes e provava a potência disso. Numa dessas viradas da vida, naquela época eu me separei, mudei de casa e fui parar numa nova escola aqui em Porto Alegre, a Marechal Floriano Peixoto, perto da Avenida Farrapos, e me apresentei para a diretora pedindo uma turma. Ela já tinha expectativa de



me colocar num serviço tal como o que eu fazia antes, apenas de atendimento especializado, mas disse que tinha uma turma para mim, na primeira série, que estava há três meses sem aulas – três professores já tinham sido postos para correr. Mas mesmo assim decidi conhecer esta turma. E à medida que eu caminhava pelos corredores dessa escola, indo em direção à sala de aula, eu percebia que os vidros estavam quebrados, as luzes apagadas. A sala era a última do prédio, do último corredor, próxima a um depósito de lixo. Eu estaria mentindo se dissesse que era lindo, mas foi uma experiência muito forte. E, já mais madura, tendo estudado mais, apliquei aquilo que em teoria desejava para a educação, e vi que a brincadeira tinha poderes. Que essas crianças realmente podiam aprender e eu poderia ensinar brincando. De início também causou estranhamento, como, por exemplo, as mães que ficavam espiando e queriam saber que tipo de aula era aquela que eu fazia. A escola ainda era muito convencional e lastimavelmente ainda é.

Revista da Extensão: Quando a senhora assumiu como professora na UFRGS, qual era o tamanho do desafio de formar professores a partir de um paradigma diferente daquele convencional de décadas atrás?

Tânia Fortuna: Em 1994, quando eu me torno professora em dedicação exclusiva, me deparo com um currículo de formação de professores no qual a brincadeira estava ausente. No qual era notória a sua presença esporádica, superficial, mas sem estudo sistemático sobre o brincar. Tudo começou com a extensão universitária. Em 1995, propus um curso de 45 horas que se intitulava Jogo e Educação. A ideia era que esse curso pudesse receber pessoas da comunidade que, como eu, pudessem partilhar experiências, refletir sobre procedimentos, métodos, centrados na brincadeira. Em poucos dias as vagas se esgotaram. A maioria delas foi preenchida pela comunidade interna da Universidade, alunos, só confirmando aquela minha percepção da escassez dessa temática na grade curricular e mostrando

aquilo que hoje nós estamos discutindo, às voltas com a curricularização da extensão, sobre entender a riqueza da extensão universitária como um dispositivo pedagógico singular – não apenas mais flexível do ponto de vista do seu formato, menos preso, portanto, às exigências de grade, de estabilidade de currículo, mas também do ponto de vista epistemológico, porque a extensão envolve um tipo de saber que é prático, e era o que eu estava fazendo nesse curso.

Revista da Extensão: A que a senhora atribui essa negligência com o brincar?

Tânia Fortuna: Hoje isso está em pequeno declínio. Mas nós ainda vivemos uma forte oposição entre trabalho e lazer, que se expande para a escola na forma de estudo e brincadeira.

Revista da Extensão: Como se ambas fossem excludentes? Como se não se pudesse estudar ou trabalhar de uma forma divertida?

Tânia Fortuna: Exato, como se fossem oponentes e, principalmente, como se fosse perniciosa a experiência do prazer na aprendizagem. Tal como aquele menininho me disse: “aqui a gente não estuda, a gente só brinca. Bom é lá com a outra ‘profe’, que dói o braço para copiar”. Uma coisa estoica que também está presente na nossa formação é a ideia de que o sofrimento enobrece.

Revista da Extensão: Imagina, uma criança falar isso...

Tânia Fortuna: Fala isso, e espera por isso. Ou outra pequeninha que tive no maternal, de três anos, que me exigiu tema de casa certa vez. Claro, isso demonstra vontade de aprender, mas por outro lado também que ela já está refém desses procedimentos mais protocolares.

Revista da Extensão: O direcionamento vem de casa também?

Tânia Fortuna: Sim, de casa, dos irmãos, do que

se conta sobre o que é a escola, da representação da nossa cultura de escola. A professora, no nosso imaginário, usa óculos, um coquinho, é meio assexuada, provavelmente é uma solteirona ou alguém que não tem uma vida fora do mundo escolar. Isso aparece em histórias infantis, na literatura, no desenho animado. Essa figura caricata e meio sem graça.

Revista da Extensão: E como se deu a constituição da Brinquedoteca?

Tânia Fortuna: As 45 horas daquele curso de extensão funcionaram como um laboratório para eu propor para o ano seguinte uma disciplina, eletiva, que em pouco tempo encontrou muita recepção na Universidade. Já corria o boato de que era uma disciplina diferente: íamos visitar lojas de brinquedos, íamos para a Redenção (como fazemos até hoje), criávamos materiais e jogos em sala de aula. Havia uma preocupação realmente forte com a experiência prática, lúdica, mas ao mesmo tempo com a teoria do brincar. Eu também sentia a necessidade de dar um apoio para esses alunos que faziam as aulas no sentido de que eles se sentissem encorajados a praticar aquilo que estudaram, levando jogos e brinquedos para a aula. Comecei, então, uma campanha de doação de jogos, que foi progredindo: fizemos uma caixa aqui no térreo da Faculdade de Educação e as pessoas depositavam as suas doações. Ao final do dia, os meus colaboradores (não eram bolsistas ainda) vinham retirar os jogos para a gente formar um acervo para os alunos. A surpresa era que nem tudo o que havia sido depositado estava lá. O pessoal ficou indignado: “profe, estão roubando os nossos jogos, vamos parar”. Naquele momento eu me pus numa encruzilhada: prosseguir ou realmente parar?

Revista da Extensão: Prosseguir?

Tânia Fortuna: Eu prossegui, e o saldo está aqui: mais de cinco mil jogos. Ao longo desses anos, nós revertermos expressivamente essa cultura de que é preciso ter a posse, mas instauramos uma



ideia de que a gente pode partilhar, vivenciar, brincar, devolver e escolher outro sem ser dono, sem levar consigo. E, por outro lado, criamos um acervo que é acessível e está à disposição de toda a Universidade. Esta é uma brinquedoteca universitária, que está na FAGED, mas serve a todos os campi – embora a gente saiba que atende mais a comunidade do Centro. Mas o aluno da Medicina vem aqui, o da Fonoaudiologia, do Design, da Biologia, da Letras, da Geografia, da Comunicação... Porque ele quer se divertir. Quer estar em família com um brinquedo ou jogo que tenha a ver com a sua história e o seu passado. Quer levar para as suas práticas profissionais. Mas lá naquela época nós estávamos apenas começando numa caixa. E a caixa foi crescendo, e eu fui ocupando mais espaços.

Revista da Extensão: Foi aí que vocês vieram para este espaço aqui no térreo da Faculdade de Educação?

Tânia Fortuna: Primeiro, recebemos uma sala rejeitada na faculdade, no 6º andar, que nem janelas pra fora tinha. Depois, sim, esta atual, que era a sede do xerox. Foi uma luta territorial, política, vigorosa – a gente sabe que

o metro quadrado nessa Universidade tem um valor enorme, todo quer fincar sua bandeirinha e dizer “esse espaço aqui é meu” (risos). Havia muita disputa, mas houve um movimento da comunidade universitária, de abaixo-assinado de alunos e professores, e a gente conseguiu receber a destinação da sala. Oca, vazia, sem piso, sem divisórias. Nessa época nós já tínhamos começado a fazer oficinas de extensão que tinham o propósito de, em uma sexta-feira por mês, durante oito anos, propor práticas lúdicas para os participantes. Essas oficinas contavam com inscrição de cinco reais. O certificado era muito menos do que isso. E o saldo disso nós guardamos e foi com o que compramos o piso, as divisórias, a mesa e as cadeiras em lugares que vendiam móveis usados. A Universidade não nos deu nem o telefone, nem internet. Não tínhamos acesso a nada. Nós éramos tolerados aqui. O serviço que prestávamos era essencialmente o de empréstimo orientado de brinquedos, contando com bolsistas de extensão. Já tínhamos nos expandido. Foi uma época de muita atividade no programa, voltadas sempre para essa visão binocular: atenção ao nosso público interno da Universidade, com a percepção de que o aluno da UFRGS, o professor e o funcionário são também

potenciais extensionistas e destinatários das ações de extensão, contrariando uma ideia deturpada e muito pobre de que a extensão é só para fora; e, ao mesmo tempo, também pensávamos na extensão para fora, claro – as escolas, os professores que estavam na rede, outras instituições de ensino. Eu, pela atividade de pesquisa nessa área, fui me destacando no cenário do nosso país como ligada a essa temática, atraindo a atenção de outras universidades que vinham aprender conosco e se inspirar nesse desenho de brinquedoteca universitária, que tem uma peculiaridade: a partir dessa época a gente tomou a decisão de não receber mais crianças, para focarmos na formação, no adulto.



Revista da Extensão: A disciplina que deu início à campanha de arrecadação de brinquedos foi em 1996. Vocês estão aqui no térreo da FACED desde quando?

Tânia Fortuna: Esse espaço aqui foi inaugurado em 2002. Antes utilizávamos outros cantos, o que sobrava. Para esta inauguração, a equipe que trabalhava comigo, muito engajada, se propunha a criar marcas desde a entrada da porta até aqui para guiar os visitantes para a festa de inauguração. Essas marcas eram lúdicas: desenhos adesivos de patinhas de animais fantásticos. A festa foi muito linda, as pessoas traziam brinquedos como presentes para a Brinquedoteca.

Alguns dias depois eu fui chamada pela direção, que disse ter recebido uma queixa de colegas que estavam se sentindo muito incomodados com a infantilização da Faculdade de Educação: diziam que “essa presença buliçosa de brinquedos e jogos” comprometia a reputação da Faced perante outras unidades. Exigiam a remoção das patinhas e que a gente se mantivesse dentro da sala. Usando a minha prerrogativa de direito à desobediência civil, me neguei a retirar as patinhas, mas a equipe de limpeza, dias depois, estava de joelhos, com espátulas, removendo. Já faz tanto tempo, isso já mudou tanto... Nós hoje somos muito respeitados internamente.

Revista da Extensão: Diante de tanta resistência nos primeiros anos, a senhora esperava atingir o nível de reconhecimento que tem hoje?

Tânia Fortuna: Experimentamos um status que eu não esperava ver, que achei que ficaria para os meus sucessores: de reconhecimento do que fazemos, inclusive pelas direções – não apenas a atual, a precedente também foi muito engajada no reconhecimento. Continuamos sem destinação de recursos para a Brinquedoteca: clipes, canetas, folhas, nada disso. Nós nos suprimos com um sistema de multas para as pessoas que atrasam a entrega dos itens – temos uma tabela de multas, que é dinâmica, de acordo com as nossas necessidades. Se estamos precisando de cola, quem deve de três a sete dias paga em cola. Aí começa a mágica do brinquedo: eu chego aqui de manhã e tem pendurado no trinco da porta um tubo de cola, anônimo. Não é pagamento de multa, é de alguém que sabe que a gente precisa, é doação. Nós hoje somos autossuficientes sob esse ponto de vista. Claro que o equipamento, o mobiliário, foi ao longo do tempo se modificando. Essas cadeiras novíssimas nós recebemos ontem (N.R.: a entrevista ocorreu em 30/10/2019) da direção da faculdade, que nos perguntou o que é que nós precisávamos. Este computador eu fui pedir ao diretor oferecendo o nosso velho e mais um projetor multimídia seminovo que nós tínhamos comprado, com os nossos recursos, mas

que agora já não usávamos, porque quase todas as salas da FAGED têm projetor. O diretor imediatamente pegou o computador que estava na caixa destinado a ser de seu uso e encaminhou para nós. Isso é uma mudança de mentalidade. Não é uma personalidade apenas (claro, isso também), mas sim testemunha uma transformação da mentalidade em relação à Brinquedoteca.

Revista da Extensão: Aquela resistência lá atrás, de retirarem as patinhas do chão da faculdade, se deve àquilo que comentamos antes de resistência à brincadeira?

Tânia Fortuna: Acho que a nossa cultura tem uma visão desclassificatória, demeritória, mesmo, do brincar. Tem a ver com a visão pragmática e utilitarista de que as coisas precisam ter um resultado e servirem para alguma coisa. A brincadeira vai à contramão disso, ela não serve para nada. Ela é, e ponto. Não tem uma mensuração de resultados ali adiante. Outra coisa que se contrapõe ao nosso trabalho, que o meu tempo de presidente e membro da Câmara de Extensão, convivendo com outros extensionistas, me fazia perceber no início dos anos 2000, é que a nossa Universidade é muito variada, inclusive do ponto de vista econômico – nós temos ilhas de riqueza, de muita pujança econômica. Nós também operamos de forma transgressora, não apenas porque nos opusemos a essa cultura do pragmatismo, do resultado imediato, da utilidade, do valor do riso e do prazer, mas também porque a gente se contrapõe a uma cultura da obsolescência, do “estragou, põe fora”. Aqui, nada vai radicalmente fora! Nós sempre trabalhamos a perspectiva da recriação, da recuperação, não só porque somos pobres. Isso é verdade, somos pobres (risos), mas queremos inspirar as pessoas a pensarem de uma forma diferente a própria relação com o planeta, com o mundo, com as suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, investimos bastante aqui na Brinquedoteca no processo de recuperação de jogos e brinquedos.

Revista da Extensão: Também porque isso estimula a criatividade?

Tânia Fortuna: Porque estimula a criatividade, o pensamento abstrato, a capacidade de invenção...

Revista da Extensão: E essa mentalidade utilitarista não leva em conta que a criatividade aumenta a produtividade...

Tânia Fortuna: Exatamente, não leva em conta que ela depende disso. Hoje a gente já vê algumas empresas capitalizando essa questão da ludicidade justamente porque percebe que isso produz rentabilidade. O trabalhador feliz trabalha melhor. Ainda que a gente aqui se insurja contra esse uso servil da brincadeira, a gente sabe que ela é capaz de ser capitalizada para isso também. A nossa história passa por esses momentos que são também uma forma de a nossa comunidade mais ampla, a nossa cultura, pensar o lúdico. E aí, a respeito daquela tua pergunta: como é que isso mudou? Em 20 anos isso mudou. E mudou porque nós persistimos, porque fomos sendo reconhecidos pela nossa persistência e, aí sim, pelo nosso resultado, pelos efeitos do nosso trabalho: inspirando pessoas para práticas inovadoras de ensino; fortalecendo muitos dos nossos alunos na Universidade que chegavam aqui em lágrimas, infelizes, querendo largar a faculdade, deixar de ser professor, mas, inspirados pelas nossas sugestões, pelo nosso material, pelo nosso jogo, eles voltavam e diziam que tinha dado certo, que seus alunos tinham ficado mais ligados, que agora eles estavam gostando de dar aula. Por outro lado, devo reconhecer que, embora não tenha sido intencional, a minha ação na pesquisa, na produção de conhecimento nessa área, também contribuiu. Isso teve um efeito de alimentação mútua. Hoje, olhando para este caso de sucesso que eu julgo que somos, vejo que isso tem a ver também com esse fortalecimento de fora para dentro: pessoas atravessando esse país para vir nos conhecer, eu sendo convidada para eventos internacionais como uma referência neste modo de pensar a formação lúdica, é algo que

acaba depois sendo reconhecido internamente. O santo de casa não fazer milagre, mas se ele está bem visível na igreja do vizinho a gente até começa a pagar promessa para ele também (risos). Agora se aproxima também o meu tempo de finitude na Universidade, e eu começo a pensar na aposentadoria, no nível de exaustão de uma ação e o custo que isso representa para a minha vida. Não trabalhamos 40 horas, trabalhamos em dedicação exclusiva. Eu levei isso muito a sério, de um jeito que me cobra um preço alto hoje. Talvez por isso eu, mesmo aos 55 anos, almeje a aposentadoria. Esse ritmo é muito puxado.

Revista da Extensão: E esta transição no comando do programa, a partir de sua iminente saída? Como tem sido esse processo?

Tânia Fortuna: De dois anos para cá, comecei a preparar o futuro do programa, me preparando inclusive para o fato de que ele inclui uma transformação, virar outra coisa. Eu me dei conta, nos anos em que orientei a criação de espaços de brincar, que as brinquedotecas são entes vivos. Elas dependem da vida de quem nelas atua e dos sonhos das pessoas que estão nelas e são depositados nelas. Então, ela é hoje o sonho das pessoas que passaram por ela até agora - muitos dos meus sonhos e da professora Leda Maffioletti, que foi minha companheira por um bom tempo na coordenação do programa. Mas ela terá que comportar os sonhos dos seus futuros participantes. Preparei-me para isso e criei uma figura chamada conselho curador, algo realmente estratégico e político. Convidei colegas que eu reconhecia como sendo parceiros, apoiadores institucionais, pessoas em lugares-chave da Faculdade de Educação, que pudessem levar a bandeira do programa. Desse conselho emanou a busca de um possível futuro coordenador do programa. Fizemos toda uma perscrutação, uma audição dos interesses, das possibilidades. Não foi fácil. Eu refleti muito sobre por que as pessoas não queriam pegar o programa: porque ele é grande, ele é trabalhoso e, claro, ele está muito personalizado também. Tem um peso tu chegares em um lugar que já tem um carimbo de uma pessoa, um nome

e um sobrenome. Mas nós fomos mobilizando os colegas e encontramos um projeto aqui na FAGED, que é novo, mas que já de início a gente percebeu as relações de proximidade: a Didacoteca, uma iniciativa dos colegas da área de Didática de prover, tal como nós, com jogos e brinquedos, materiais pedagógicos para os estudantes – eles trabalham exclusivamente com os estudantes da Universidade. Fizemos as aproximações e estamos agora em pleno processo de transição. A pessoa que vai me suceder é a Prof^a Marília Forgearini Nunes, que é da área de Literatura Infantil e, portanto, tem uma pegada com o lúdico também, envolvendo esse pessoal. Ainda não sabemos bem como será o futuro: se os projetos serão fundidos num só ou se pelo menos se manterão muito relacionados.

Revista da Extensão: Não quero falar de resultados. Mas nestes 20 anos de programa, como tu vê a transformação porque passaram esses educadores todos? Principalmente aqueles que chegavam frustrados, passaram por aqui e se revigoraram. Como é esse retorno para vocês?

Tânia Fortuna: Nós temos uma prática de empréstimo orientado. A gente atua também com voluntários, não apenas para suprir a necessidade de pessoas, já que o programa funciona com 35 horas semanais de atendimento à comunidade, uma faixa de horário de funcionamento que muitos setores da nossa Universidade não têm. Temos um esforço de atenção ao público que muitas vezes é suprido por voluntários. As bolsas de extensão foram sempre imprescindíveis para a nossa sobrevivência, mas não suficientes. Tivemos que encontrar essas alternativas. Ao fazer isso, nós procuramos qualificar a equipe – e aí vem um lado que eu também gosto de exaltar, que é a questão formativa com o extensionista, a extensão como uma oportunidade de formação para ele também. Eu me preocupo muito aqui com os bolsistas, desde coisas banais, como saber atender ao telefone, comunicação, correspondência oficial e institucional e, particularmente, essa atenção ao público. O empréstimo orientado, qualificado, a escuta, aquele que passa na porta, nos espia e encontra



coragem para entrar e falar sobre as suas mazelas, seus desgostos, sua preocupação... É aí que a gente aquilata, capta isso que eu falava sobre a transformação. É nessa oportunidade de um diálogo mais espontâneo que o empréstimo qualificado permite que se faça. Essa é a principal fonte. Mas a gente tem fontes esporádicas. Por exemplo: e-mails narrando experiências bem sucedidas, com agradecimento pela nossa participação.

Revista da Extensão: Mudando de assunto, a senhora foi presidente da Câmara de Extensão. Como era ter de conciliar essa responsabilidade com um projeto tão grande como esse?

Tânia Fortuna: Foi muito difícil. Foi um período difícil até na minha vida pessoal, quando enfrentei o adoecimento e falecimento da minha mãe. Mas foi também um período de muito aprendizado. Aliás, todos que pudermos participar da CAMEX, eu sempre recomendo, porque é um contato com outros extensionistas, aquilo que a gente experimenta no Salão de Extensão de uma forma concentrada, em uma semana, mas neste caso de uma forma estendida. Eu participei ativamente na elaboração da primeira grande reforma da nossa

resolução, em 2002. Ter esse contato e pensar a execução da extensão do ponto de vista legal foi uma experiência fabulosa. A interação com os pró-reitores, com a equipe da PROEXT... Eu aprendi muito mesmo o fazer extensionista, a mentalidade extensionista. Não só a coisa pragmática de preencher um formulário. A criação do sistema eletrônico se deu no tempo em que eu era presidente, com a parceria insofismável e maravilhosa do José Luís Machado, um irmão em extensão. Então tive todo esse lado de satisfação, principalmente pelo aprendizado da Universidade. A experiência na gestão, nas atividades administrativas, nos dá esse contato com a Universidade. A interação com os técnicos também. Essa é uma experiência que faz com a gente viva a Universidade de uma forma mais plena. Eu tenho essa sensação, de que usufruí essa Universidade. Entrei nela para nunca mais sair. Comecei como aluna, em 1982, e, mesmo como professora, em breve inativa, o vínculo é perene. A gente não tira da nossa biografia essa passagem. De uma separação conjugal a gente pode tirar até o nome, arrancar a aliança, jurar que nunca mais vai lembrar, rasgar as fotos do casamento... Mas do nosso trabalho na Universidade, do jeito que o vivemos, isso não sai mais da gente.

Revista da Extensão: Essa experiência na gestão contribuiu de que maneira para a tua trajetória como extensionista?

Tânia Fortuna: De uma forma mais específica, bem pragmaticamente falando, pensar o planejamento da extensão. Ter em conta de que a boa ideia é só uma parte do problema. Pensar em como planejar a sua execução, ter consciência dos recursos necessários, dos procedimentos. Acho que a experiência da gestão da extensão me ofereceu esse aprendizado que, eu tenho certeza, se reflete concretamente no modo como nós operamos aqui. Esta é uma instância universitária muito organizada e planejada. Nós temos plano para tudo: os horários, a distribuição de tarefas. Eu sou obcecada por etiquetas (risos). Tu podes observar que tudo nesta sala é etiquetado. E isso se deveu a uma necessidade, que é a de trabalhar com uma equipe com diferentes cargas horárias, com diferentes níveis de envolvimento com a Universidade – tenho aqui colaboradores que trabalham duas horas por semana e bolsistas que atuam 20 horas. Essas pessoas precisam se comunicar. Temos um caderno de recados perenemente aberto aqui, para comunicação interna. Essas pessoas precisam saber onde as coisas ficam. Claro que isso não é um aprendizado direto da extensão, mas é indireto na medida em que tu crias uma mentalidade de planejamento, de visão do conjunto, de responsabilidade sobre aquilo que é de todos. Acho que essa é outra coisa importante: essa experiência do espaço partilhado. Uma marca do meu jeito de gestão também é a onisciência: eu estou a par de tudo o tempo todo. Isso tem seu custo, me estropia também. Eu estou em casa com a tela do Skype aberta, comandando as coisas aqui e resolvendo problemas. Tem a ver com aquela coisa da dedicação exclusiva, mas tem a ver também com um jeito de gerir que é de participação em todo o processo.

Revista da Extensão: E como vai ser se afastar de tudo isso, com esse envolvimento tão intenso?

Tânia Fortuna: Eu vou brincar de outras coisas

(risos)! Uma das coisas que eu estou ansiosa por fazer é voltar a montar quebra-cabeças. É uma forma de brincar, também. Tenho também preocupação com a questão editorial, de prosseguir nessa preocupação com o acesso à literatura especializada. Eu faço isso para a Editora Artmed como consultora e revisora técnica de tradução, que é outro trabalho: darmos-nos conta de que esses textos na nossa área não precisam apenas de um tradutor, mas de um revisor técnico, pois no campo específico do brincar nós temos um problema enorme com a questão vocabular. É uma tarefa que eu me proponho a continuar, mas nesse ritmo mais light. Nesta mesma área, vale citar a coleção “Clássicos do Jogo”, a qual criei e dirijo junto à Editora Vozes, do Rio de Janeiro. São sete livros clássicos sobre jogo e brincadeira traduzidos para o português. E tenho meus hobbies: amo pássaros, amo fazer observação de pássaros, amo atrair os pássaros. E finalmente a leitura, como uma espécie de remanescente da brincadeira, herdeira do brincar. Eu li nos primeiros anos da década de 1990, a obra do Marcel Proust, “Em Busca do Tempo Perdido”, mas em português. Agora eu quero lê-la em francês, no original, até já comprei o livro. E fico pensando que não é à toa, isso tem um simbolismo: vou me dedicar à leitura de uma obra que se chama “Em Busca do Tempo Perdido”. Isso quer dizer alguma coisa. Que tempo redescoberto será esse que eu vou achar lá na ponta? Enfim, são alguns dos meus projetos. Não está no meu horizonte trabalhar em outra universidade. Já fui sondada quanto a isso, e a minha resposta é sempre a mesma: eu trabalhei e tenho trabalhado onde eu desejava trabalhar. É aqui que eu queria estar. Este é o meu topo, isto era o máximo que eu pretendia alcançar. Outra universidade, outro país? Não, eu estou onde eu desejava estar. Não há para mim, do ponto de vista do ensino superior, nenhum destino mais importante do que esse que devesse se colocar na sequência. Mas eu realmente quero poder ter essa sensação de que um ciclo se encerra, e que tem mais vida fora da Universidade. Às vezes a gente fala de um jeito que parece que não existe vida fora daqui, mas tem outras coisas a serem feitas também. Estou cheia de planos, e em contagem regressiva! ◀